



EDUCAÇÃO EM SAÚDE COMO FORMA DE INSERÇÃO DE ADOLESCENTES NA ROTINA DE CUIDADOS DA ESTRATÉGIA SAÚDE DA FAMÍLIA

Emilaine Oliveira Batista – Itapetinga – BA, emy_oliveira@yahoo.com.br

Shirley Oliveira Arruda Santos - Vitória da Conquista – BA, shirleyarruda@hotmail.com

Cheila Matos dos Santos - Vitória da Conquista – BA, mattos_ch@hotmail.com

Poliana Cardoso Martins - Universidade Federal da Bahia, Vitória da Conquista - BA.
policmartins@yahoo.com.br

Juliana Souza Romeiro - Vitória da Conquista – BA, julyromeiro@hotmail.com

Chirlei Matos Santos - Vitória da Conquista – BA, chil_mattos@hotmail.com

Fernanda Nolasco Ribeiro dos Santos - Vitória da Conquista – BA, fe_nandex@hotmail.com

Thamilly Moreira Silva - Vitória da Conquista – BA, thamillymoreira@yahoo.com.br

Maria Beatriz dos Anjos - Vitória da Conquista – BA, biabat@hotmail.com

INTRODUÇÃO

A partir da promulgação da Constituição Federal de 1988, foram definidos alguns princípios do Sistema Único de Saúde (SUS), a universalidade, a equidade e a integralidade. Estes constituem a base ideológica do SUS, de maneira que o processo de construção do SUS visa reduzir a discrepância ainda existente entre os direitos sociais garantidos em lei e a capacidade efetiva de oferta de ações e serviços públicos a população (BRASIL, 2000).

Coadunando com a legislação acima citada, o Estatuto da Criança e do Adolescente, em seu artigo 11, afirma que a atenção integral à saúde da criança e do adolescente é garantida pelo Sistema Único de Saúde, o qual assegura o acesso às ações de promoção, proteção e recuperação da saúde (BRASIL, 1990).

Nesse contexto, verifica-se a necessidade de inclusão das ações de saúde dos adolescentes nas análises de situação sanitária das regiões de saúde, a fim de que sejam elaboradas estratégias para a melhoria da qualidade dos serviços de saúde, de forma que estas atendam as especificidades dessa população e contribuam para a adesão desse segmento nos serviços prestados (BRASIL, 2008; BRASIL, 2010).

Este estudo tem por objetivo relatar a experiência de educação em saúde com meninas adolescentes com vistas à inserção das mesmas nas rotinas de cuidados de uma Unidade de Saúde da Família (USF) em Vitória da Conquista – BA em 2011.

MATERIAL E MÉTODOS

Este estudo consiste em um relato de experiência vivenciada pelos discentes da Universidade Federal da Bahia (UFBA) e da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), ambos dos Campus de Vitória da Conquista – BA, vinculados ao Programa de Educação pelo Trabalho em Saúde (PET - Saúde) no período de 2010 a 2011 em uma Unidade de Saúde da Família do município de Vitória da Conquista – BA.

O PET - Saúde é regulamentado pela Portaria Interministerial nº 421/2010 e disponibiliza bolsas para tutores, preceptores (profissionais dos serviços) e estudantes de graduação da área da saúde, o mesmo tem como pressuposto a educação pelo trabalho e constitui-se uma das estratégias do Programa Nacional de Reorientação da Formação Profissional em Saúde - PRÓ-SAÚDE (BRASIL, 2012).

A proposta utilizada foi a formação de grupos de discussão acerca de temáticas do âmbito da saúde mais relevantes para a faixa etária, tais como: higiene, adolescência, sexualidade, métodos contraceptivos, dentre outras. O grupo de adolescentes foi intitulado “Clube da Luluzinha”, cujos encontros eram realizados quinzenalmente com as adolescentes adscritas na USF em questão. Para operacionalização do grupo utilizou-se auxílio de cartazes e materiais audiovisuais. Eram realizadas rodas de conversas dinâmicas, nas quais as adolescentes expunham suas dúvidas e experiências priorizando-se o aprendizado grupal.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Um dos temas foi higiene e auto-cuidado, neste foram abordadas questões sobre: 1) Higiene corporal; 2) Mitos e verdades sobre a higiene íntima. Esta temática medeia uma série de tabus que a maioria das adolescentes não possui instrução necessária e tampouco se sentem a vontade para discutir o assunto com algum familiar ou mesmo o profissional de saúde.

Em outro encontro foi realizada uma atividade sobre sexualidade, foram abordados os seguintes temas: 1) Anatomia do sistema reprodutor feminino e masculino; 2) A importância do conhecimento do corpo; 3) Mitos e verdades sobre a sexualidade, 4) Como evitar DST's e gravidez. As adolescentes eram estimuladas a participar seja respondendo perguntas acerca da temática ou expondo suas dúvidas e experiências. Um dos pilares desta metodologia é o estabelecimento da troca de conhecimento entre as mediadoras e as adolescentes, formando um vínculo de respeito com vistas a potencializar o aprendizado grupal. Para Souza *et al.* (2007) este método de trabalho corrobora com a educação conscientizadora/problematizadora de Paulo Freire, a qual ampara-se na metodologia participativa e dialogada que favorece uma relação crítica e transformadora.

Segundo Freitas e Dias (2010), é muito importante que o profissional ou a pessoa que abordará acerca da temática sexualidade possua conhecimento dos processos evolutivos e conflitivos que fazem parte da adolescência, é importante também afastar-se de preconceitos e pré-julgamentos, participando como mediador nas discussões sobre a sexualidade, com vistas ao estabelecimento de uma parceria com os adolescentes, estimulando a formação de opiniões coerentes com a realidade de cada um deles.

Foram realizadas consultas individuais, uma vez que se percebeu que as adolescentes não compareciam a unidade e, conseqüentemente, não participavam das rotinas de cuidado. Neste ínterim, o atendimento individual foi no sentido de reforçar a importância do acompanhamento pelos profissionais da unidade e para o estabelecimento de vínculo e da relação de confiança entre ambos.

CONCLUSÃO

A implantação de um programa eficaz de atenção à saúde do adolescente no âmbito da Unidade de Saúde da Família é um grande desafio. Isto porque, para o alcance de um nível satisfatório de compreensão é necessário uma adequação da linguagem e da forma de atuação dos profissionais de saúde a fim de atender as especificidades dessa faixa etária (BRASIL, 2008).

Pensando nisso, é necessário que haja uma relação horizontal entre os profissionais de saúde e o usuário adolescente, de forma que a mesma seja baseada em reciprocidade, afastando conceitos pré-estabelecidos, atitudes de paternalismo e autoritarismo. Valorizando sempre a conexão entre liberdade e responsabilidade.

Dessa forma, é possível que o adolescente disponha de informação e conhecimento que o possibilite fazer escolhas ao invés de ser orientado por valores e normas que ferem seu direito e liberdade. A atenção à saúde do adolescente deve ser pautada no princípio da responsabilização pela sua saúde e da coletividade, mediante a garantia efetiva da real participação destes nas ações de saúde.

Palavras-chave: Promoção da Saúde. Educação em Saúde. Saúde do adolescente. Programa Saúde da Família.

EIXO – Educação e Saúde



REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Justiça. Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990, que dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, Poder Executivo, Brasília, DF, 16 jul. 1990.

_____. Ministério da Saúde. Departamento da Atenção Básica. Secretaria de Políticas de Saúde. Informes Técnicos Institucionais. Programa Saúde da Família. **Rev. Saúde Pública**, v. 34. n. 3, p. 316-9, 2000.

_____. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. **Saúde Integral de Adolescentes e Jovens: Orientações para a Organização de Serviços de Saúde**. Brasília: Ministério da Saúde, 2005. 44 p. (Série A. Normas e Manuais Técnicos).

_____. Ministério da Saúde. Brasil. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. **Saúde do Adolescente: competências e habilidades**. Brasília: Ministério da Saúde, 2008. 754 p. (Série B. Textos Básicos de Saúde).

_____. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção em Saúde. Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. Área Técnica de Saúde do Adolescente e do Jovem. **Diretrizes Nacionais para a Atenção Integral à Saúde de Adolescentes e de Jovens na Promoção, Proteção e Recuperação da Saúde**. Brasília: Ministério da Saúde, 2010. 132 p. (Série A. Normas e Manuais Técnicos).

FREITAS, K.R.; DIAS, S.M.Z. Percepções de adolescentes sobre sua sexualidade. **Texto contexto-enferm.**, Florianópolis, v.19, n.2, 2010.

SOUZA, M.M. *et al.* Programa educativo sobre sexualidade e DST: relato de experiência com grupo de adolescentes. **Rev. bras. enferm.** Brasília, v.60, n.1, 2007.